

**O PERFECCIONISMO AGONÍSTICO COMO NECESSÁRIO
CONTRAPONTO AO LIBERALISMO POLÍTICO DE RAWLS: A
SALVAGUARDA DAS TENSÕES POLÍTICAS COMO SUSTENTÁCULO
À EXISTÊNCIA DAS DEMOCRACIAS LIBERAIS ATUAIS**

[AGONISTIC PERFECTIONISM AS A NECESSARY COUNTERPOINT TO RAWLS
POLITICAL LIBERALISM: SAFEGUARDING POLITICAL TENSIONS AS A SUPPORT
FOR THE EXISTENCE OF CURRENT LIBERAL DEMOCRACIES]

Wesley de Jesus Barbosa

wesleydejesusbarbosa1980@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8766-6670>

Licenciado em História e Bacharel em Psicologia pela UFES. Mestre em Filosofia e doutorando em Filosofia pelo PPGFIL-UFES. Doutorando em Psicologia pelo PPGP-UFF.

DOI: [10.25244/tf.v15i2.3423](https://doi.org/10.25244/tf.v15i2.3423)

Recebido em: 02 de setembro de 2021. Aprovado em: 10 de março de 2023

Caicó, ano 15, n. 2, 2022, p. 183-203

ISSN 1984-5561 – DOI: [10.25244/tf.v15i2.3423](https://doi.org/10.25244/tf.v15i2.3423)

Dossiê Epicurismo antigo e sua recepção – Fluxo Contínuo



O perfeccionismo agonístico como necessário contraponto ao liberalismo político de Rawls: a salvaguarda das tensões políticas como sustentáculo à existência das democracias liberais atuais

BARBOSA, Wesley de Jesus

Resumo: O artigo tem por objetivo mostrar como a crítica de Rawls ao perfeccionismo de Nietzsche é um perigo à democracia, ou seja, de como o princípio da razoabilidade numa sociedade de livres e iguais almeja uma estabilidade política como um progresso, um avanço em direção a uma meta pacificadora. No artigo apresentaremos o problema proposto por Rawls, em seguida analisaremos as considerações de Nietzsche em *Schopenhauer como Educador* e suas posições acerca dos gênios e santos. Um ponto à frente discutiremos as proposições do tipo Homero e a forma de amor à vida dos Gregos Antigos. Estes três tópicos iniciais ajudam a introduzir, assim como avaliar as vicissitudes das assertivas de Rawls no sentido de tomarmos uma posição quanto às garantias de uma estabilidade tão magnânima para as atuais democracias liberais. De se, o percurso e os alicerces desta grande sociedade liberal, são valores aos quais valeria a pena continuarmos apostando como sustentáculos de uma sociedade democraticamente mais madura e justa.

Palavras-chave: Democracia. Perfeccionismo. Aristocratismo. Agonística.

Abstract: The article aims to show how Rawls's critique of Nietzsche's perfectionism is a danger to democracy, that is, how the principle of reasonability in a society of free and equal aims at political stability as progress, an advance towards a pacifying goal. In the article we will present the problem proposed by Rawls, then we will analyze Nietzsche's considerations in Schopenhauer as an Educator and his positions regarding geniuses and saints. One point further, we will discuss Homero-type propositions and the way of love for the life of the Ancient Greeks. These three initial topics help to introduce, as well as assess the vicissitudes of Rawls' assertions in the sense that we take a position as to the guarantees of such a magnanimous stability for the current liberal democracies. In fact, the course and the foundations of this great liberal society, are values which would be worthwhile to continue betting on as a support for a democratically more mature and just society.

Keywords: Democracy. Perfectionism. Aristocratism. Agonistic.

O PROBLEMA APRESENTADO POR JOHN RAWLS

A força espetacular do homem não se consolidou por causa de suas habilidades individuais, isoladamente, mas na capacidade de utilizar as incríveis habilidades de cada indivíduo, em bloco, numa grande falange hoplítica, que decidimos denominar sociedade. É indubitável que a conquista da sociedade pela espécie humana não foi uma aquisição qualquer, aliás, é o princípio pelo qual o homem é homem enquanto tal e, portanto, pode desenvolver suas capacidades até o limite do ilimitado. Diante desse olhar que agora vê mais longe por causa da sua posição bípede e coluna ereta, organizados afetivamente numa divisão social do trabalho, que se levantou o debate mais sério de toda a história biológica da Terra, o debate sobre como nossa espécie, consciente culturalmente de sua condição animal, pode avançar ainda mais na sua constituição social de indivíduos. Seria o progresso em direção a um *telos*? Ou a evolução ao acaso para uma adaptação de sucesso? De qualquer modo, qualquer nível de excelência humana, só é possível, para início de conversa, porque a sociedade garante a estabilidade necessária para a aquisição das virtudes. Porém, a história das sociedades, e a sua concepção hermenêutica de progresso construíram uma noção de que valores democráticos e igualitários são sempre melhores que outros valores, mesmo que este democratismo enalteça a mediocridade e o nivelamento da sociedade pela superfície do imediatismo consumista e frugal.

Nesse sentido, John Rawls, em *Uma Teoria da Justiça*, lança o problema da impossibilidade do perfeccionismo, já que ele viola os princípios elementares do liberalismo político, haja vista, que os sujeitos nascem livres e iguais. Sua crítica mais dura incorre sobre o perfeccionismo de Nietzsche, mais do que sobre o perfeccionismo de Aristóteles. O ataque ao filósofo alemão vem ainda com o epíteto o qual instala de modo intransigente, uma incompatibilidade absoluta entre o perfeccionismo e a democracia. “Foi John Rawls, em *A Teoria da Justiça* (2002), o responsável por iniciar esse debate, ao alegar existir um perfeccionismo político em Nietzsche, que é completamente incompatível com a democracia.” (KAMRADT, 2017, p. 208.) O aristocrático nietzschiano é a vernácula sentença dessa incompatibilidade de conteúdo, não só filosófico político, mas também histórico, pois esquece a trajetória de progresso às quais as sociedades humanas ocidentais têm passado, nesta intranquila travessia em direção aos elevados valores democrático Iluministas.

O peso absoluto que Nietzsche algumas vezes confere à vida dos grandes homens tais como Sócrates e Goethe é incomum. Em certas passagens, ele diz que a humanidade deve se esforçar continuamente para produzir grandes homens. Devemos dar valor às nossas vidas trabalhando para o bem dos indivíduos mais distintos. (RAWLS, 2000, p. 359.)

A crítica de *Uma Teoria da Justiça* sustenta-se no argumento de que as partes do contrato não podem, desde o início, definir como melhores ou piores, estas ou aquelas, concepções sobre a vida boa. E, portanto, qualquer tentativa, por parte do Estado, de promover estes ou aqueles princípios, comprometeria gravemente o sistema de liberdades. Assim, é salutar que numa democracia liberal habitada por cidadãos livres e iguais, estas ou aquelas formas de vida, não devam ser valorizadas ou incentivadas, pelo Estado, sob o risco de minar as liberdades. “Elas não podem arriscar a sua liberdade permitindo que um padrão de valores defina o que deve ser maximizado por um princípio

O perfeccionismo agonístico como necessário contraponto ao liberalismo político de Rawls: a salvaguarda das tensões políticas como sustentáculo à existência das democracias liberais atuais

BARBOSA, Wesley de Jesus

teleológico da justiça.” (RAWLS, 2000, p. 362.) Destarte, é curioso que o Estado liberal não deva ser perfeccionista, mas em seu cerne advém outro princípio, o da pluralidade como valor. Como garantir a pluralidade num modelo que privilegia a assunção dos gênios como possibilidade da livre iniciativa privada, apenas? Pois, deste modo, de um lado estariam os pobres ou sem recursos e do outro, estaria a elite capaz de se destacar porque consegue comprar as ferramentas importantes para os seus projetos valiosos que serão adquiridos e usados por toda a humanidade! Por esta perspectiva, a grande pluralidade do liberalismo ainda seria a das desigualdades de classe.

Embora a justiça como equidade permita que numa sociedade bem-ordenada os valores da perfeição sejam reconhecidos, o aperfeiçoamento humano deve ser buscado dentro dos limites do princípio da livre associação. As pessoas se reúnem para promover seus interesses culturais e artísticos da mesma maneira que formam comunidades religiosas. (RAWLS, 2000, p. 363.)

Em nome do princípio de liberdade se nega o perfeccionismo, como se a liberdade não fosse um valor, um direito, uma compreensão perfeccionista. E como esta concepção é aristocrática e perniciososa aos valores do Estado liberal, se rechaça o seu conteúdo político. “Nega-se ao perfeccionismo o *status* de princípio político.” (RAWLS, 2000, p. 363.) Na verdade, Rawls não teria se aprofundado na letra nietzschiana: “em *A Teoria da Justiça*, Rawls faz uma leitura elitista e aristocrática do perfeccionismo de Nietzsche. Sua conclusão é baseada a partir de uma única passagem de um dos inúmeros livros publicados pelo autor, retirada do início da sexta seção do ensaio *Schopenhauer como Educador*.” (KAMRADT, 2017, p. 209.) Assim, não denotaria um elemento de justiça que a sociedade se abstinhasse de algumas de suas garantias para a promoção dos melhores.

Se a presença do Estado fosse mais profícua sobre as mentes mais raras, desenvolvendo mecanismos para o controle dos despotismos e do abuso de poder preservando o Estado Democrático liberal, não há do que suspeitar sobre os benefícios gerais nos diversos âmbitos da cultura humana, haja vista, as artes, as ciências, as tecnologias, a superação de obstáculos nas atividades esportivas. “Ora, o critério da perfeição insiste em que, na estrutura básica, os direitos sejam atribuídos de modo a maximizar o valor total intrínseco” (RAWLS, 2000, p. 364). A tese consiste no seguinte, as coisas não têm um valor intrínseco, como um em si no qual pudéssemos afirmar de antemão, com certeza absoluta, numa suposição aquém da História, que isto deve ser intensificado com o suporte de toda a sociedade, porque já sabemos desde sempre que é bom universalmente.

Então, as máquinas que os engenheiros criam em seus laboratórios, as vacinas e medicamentos, os livros de todas as áreas escritos ao longo de toda a história, o efeito que as artes causam no sujeito como um torpor, uma torrente do inefável, tudo isto não tem um valor intrínseco! São banalidades do espírito ocioso humano e não devem ser incentivadas. Ora, de fato não existe uma substância por trás das coisas, de modo absoluto, mas negar os avanços de um perfeccionismo político e histórico é, no mínimo, curioso ou, se quisermos ser um pouco conspiracionistas, um projeto político das mentes imperiais, colocado em linhas de discurso filosófico. Parece-nos, que essa crítica, se levada bastante a sério, poderia desembocar numa paralisia geral do desenvolvimento humano, numa apatia mortífera, num niilismo que afirma o valor da liberdade dos escravizados na normalidade do rebanho, para negar o extraordinário daqueles que de algum modo sustentaram o seu *pathos* da distância e decidiram assumir a responsabilidade sobre suas próprias vidas. Ou seja, o

Estado liberal nivela, porque forma indivíduos mais úteis ao sistema econômico, ao invés, de incentivar os raros e valiosos, indivíduos sempre perigosos à ordem e a estabilidade do sistema de desigualdades do Estado Democrático de Direitos das democracias ocidentais.

SCHOPENHAUER COMO EDUCADOR

O excerto de John Rawls referente ao perfeccionismo nietzschiano tem seus suportes consistentes extraídos da obra *Schopenhauer como Educador*. Importante apontar este texto como pertencente a uma época e já o início da profunda crítica que Nietzsche promoverá à modernidade e a cultura de rebanho judaico-cristã, aspecto significativo na justificação de um perfeccionismo. Pois a educação como elemento adestrador e docilizador não poderia ser considerado um evento que estivesse promovendo uma revolução no modo de ser da humanidade, muito pelo contrário, estaria nivelando por baixo. Oportuno recuperar também, que em sua *Genealogia*, o filósofo da Basileia denunciava a inversão dos valores, o que Rawls parece demonstrar de modo objetivo querendo fazer os sujeitos raros se envergonharem de sua raridade em nome de uma compaixão pela mediocridade da maioria. O sujeito moderno é um animal que se compara usando como metro de seu cansaço pela vida, o ressentimento e o rancor. “Ele sabe disso, mas oculta-o como uma má consciência – por quê? Por medo do vizinho, que exige a convenção e se esconde com ela” (NIETZSCHE, 2020, p. 03). Somente os raros desprezam a opinião do rebanho e tomam a sua vida como baluarte de sua glória, sendo seu próprio guia, não atribuindo a outros a culpa por suas derrotas e quedas, como a requerer um princípio de justiça que o fizesse se sentir melhor, porque como covarde que é, não suporta assumir a queda como uma nova chance para revigorar-se numa intensidade maior de profundo amor à vida, esta vida mesma, esta vida severina. “O homem que não quer pertencer à massa tem somente que cessar de acomodar-se em relação a si mesmo; ele segue sua consciência, que lhe brada: “Sê tu mesmo! Tu não és tudo o que fazes, opinas e desejas agora”” (NIETZSCHE, 2020, p. 04).

Numa sociedade de consumo se preza por aquilo que é mais prático e rápido, como a ganhar tempo para trabalhar mais, para neste labor não ter que se lembrar de si mesmo e do esforço que é exigido para ser isto que se é. Então estamos desejosos por encomendas de pronta entrega, na ilusão de uma felicidade que possa ser ostentada nas redes sociais, pois ser feliz é conseguir mobilizar afetos reativos no outro como a mortificá-lo por sua mediocridade. Mas o ostentador não passa de mais uma vaca simplória na imensidão jocosa do rebanho niilista. E muitos destes perseguidores da felicidade acabam-se por encontrar um bom psiquiatra e suas pílulas da alegria, pois ainda não entenderam que “ninguém pode construir para ti a ponte, sobre a qual precisamente tu deves caminhar acima do rio da vida, ninguém mais além de ti” (NIETZSCHE, 2020, p.06).

Deste modo, Nietzsche vai construindo a história da constituição da mediocridade até a sua época. Se indagando, por exemplo, sobre onde estão os raros, se, se tornaram ainda mais raros, num tempo em que a máquina de fazer salsichas da Era Industrial, aniquilou de vez o querer de um animal voluntarista por instinto. “(...) onde estão propriamente para nós todos, eruditos e não eruditos, nobres e inferiores, nossos modelos e celebridades éticos entre nossos contemporâneos, o conjunto visível de toda moral criadora nesse tempo?” (NIETZSCHE, 2020, p. 12.) Todavia, esta pasteurização do homem não foi um acontecimento molecular do século XIX, os novecentos,

O perfeccionismo agonístico como necessário contraponto ao liberalismo político de Rawls: a salvaguarda das tensões políticas como sustentáculo à existência das democracias liberais atuais

BARBOSA, Wesley de Jesus

apenas consolidaram uma *Genealogia da Moral* como assunção dos mediócras numa inversão dos valores morais promovida pelo sacerdote judeu e cristão.

O cristianismo sobrepujou, por meio da elevação do seu ideal, os sistemas morais antigos e a naturalidade com que vigorava em toda constância, de modo que as pessoas ficaram apáticas e enojadas em relação a essa naturalidade. (NIETZSCHE, 2020, p. 13)

O primeiro adestrador do homem foi o sacerdote. Porém, apesar da chibata incólume no seu açoite mordaz, alguma coisa no mais fundo deste sofredor o mobiliza para uma atividade elevada. Alguma coisa o transborda de si mesmo como a dinamitar todas as correntes que o imobilizam em sua apatia. “Temos de nos responsabilizar pela nossa existência diante de nós mesmos; em consequência, queremos ser também os timoneiros efetivos de nossa existência e não admitir que ela se equipare a uma casualidade sem pensamentos” (NIETZSCHE, 2020, p. 06.). Porque todo homem aspira ao gênio, pois o limite do homem é o ilimitado. Outrossim, esse gênio latente nasceu numa época em que a excelência é traduzida como indigna de uma sociedade democrática, livre e igual; que precisa comportar-se para não mostrar-se arrogante e aristocrático porque a maioria rasteja como vermes no medo de assumir o protagonismo sobre aquilo que é.

Todo homem busca encontrar em si uma delimitação, de seus dotes assim como de sua vontade moral, os quais enchem-no de nostalgia e melancolia; e como ele aspirou, desde o sentimento de sua pecaminosidade, pelo santo; ele porta em si, assim, como ser intelectual, uma profunda aspiração ao gênio. (NIETZSCHE, 2020, p. 29.)

O tipo Schopenhauer é uma construção necessária à promoção de uma educação libertadora, enaltecida dos grandes homens, cada vez mais, desaparecidos, com o avançar dos séculos. “Como poderia bastar uma inovação política para tornar os homens, de uma vez por todas, satisfeitos habitantes da Terra?” (NIETZSCHE, 2020, p. 39.) O niilismo sobrecarregou o fardo da história dos homens, de modo que viver passou a ser vergonhoso, de que os nossos medos, erros, frustrações, inconsistências, passaram a ser encarados com amargura, rancor, ressentimento, falta, falta, sem a jovialidade da criança, que como moradora do agora assume toda a dor e alegria da vida, sem se penitencializar por uma invenção imaginária, a culpa, ou por uma inútil comparação com o outro, pois ela é tudo de uma vez, de um modo próprio¹. O último homem tem que ser superado.

¹ Ver os tópicos O pueril, e O além-do-homem e a criança, em BARBOSA, W. *O Idiota de Jesus: a hipótese literária e a hipótese médica como indicativos de uma posição transvalorada em Nietzsche*. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Universidade Federal do Espírito Santo, 2020.

O perfeccionismo agonístico como necessário contraponto ao liberalismo político de Rawls: a salvaguarda das tensões políticas como sustentáculo à existência das democracias liberais atuais

BARBOSA, Wesley de Jesus

Pensemos no olho do filósofo repousando sobre a existência: ele quer fixar novamente o seu valor. Pois este tem sido o trabalho próprio de todos os grandes pensadores: ser legisladores da medida, do cunho e do peso das coisas. Como deve ser embaraçoso a ele quando a humanidade, que ele por ora vê, é precisamente um fruto devorado por vermes! (NIETZSCHE, 2020, p. 33).

Portanto, diante dessa imensa padronização do torpe, em pronto prejuízo para todos, que se vislumbra cultivar algumas poucas almas que possam dar suporte a uma raça de homens afundados na lama de sua própria miséria histórica e psicofisiológica. É evidente que os fracos, na sua fragilidade, irão diminuir, ou mesmo desqualificar a altura dos fortes, ao invés louvá-los. Desenvolverão mecanismos de disciplinarização e treinamento do corpo, assim como contarão com teóricos e teorias as mais diversificadas para justificar uma igualdade que preserva aquilo que é antinatural comprometendo o sobrepujar da espécie. Os acovardados pela imensidão megalomaniaca da vida teriam que reconhecer a sua incompetência moral sobre si mesmos como vanguarda virtuosa e trabalhar para oferecer todos os recursos necessários para a excelência nas artes, nas ciências, na filosofia, por aqueles indivíduos ímpares. De modo algum isto seria uma desonestidade ou a legitimação de privilégios para uma casta de eleitos, ao contrário, é a urgente tarefa e o preço a pagar para que a humanidade ainda possa caminhar com alguma determinação e saúde. A cada nova geração de santos, haverá outros novos santos, elevando o nível de nivelamento social, assim como fazendo dos raros ainda mais raros que a geração anterior.

O projeto do Gênio não é individual, mas uma ação do coletivo, necessária ao grupo. Sem a constatação elementar, que saltos qualitativos são dados pela atuação dedicada de uns poucos aos interesses mais supremos e extraordinários da humanidade, pelos mediocrizados pela ditadura do rebanho, corremos o risco de sucumbirmos, tanto por atrofia generalizada por falta de novidades às demandas mais atuais, quanto pela instrumentalização legal da imbecilidade na tomada do Estado pelos mais comuns: Trump e Bolsonaro não são casos, apresentam-se como a mais consistente elevação dos idiotas aos postos de comando de nações estratégicas, porque seus asseclas o elegeram. “Assim sendo, a natureza precisa, por fim, do santo, no qual o eu está completamente fundido, em cuja a vida sofrida nada ou quase nada individual é sentido, mas como profunda simpatia, empatia e sentimento de unidade em tudo o que vive.” (NIETZSCHE, 2020, p. 61.) A atividade do gênio em si mesma já é uma atividade genial, pois não é fácil ser *uma carta fora do baralho, uma ovelha desgarrada*, ser o tempo todo massacrado pela inveja dos espíritos limitados e insossos. A própria luta do gênio é extraordinária, sua ousadia será contundentemente violentada e ele não desistirá, para que no fim a sua inventividade e franqueza no trato com a vida, fabriquem os objetos mais sublimes e raros, para o usufruto de todos aqueles que dedicaram-se, permanentemente, em destruí-lo. Porém, se o gênio já puder ser a possibilidade do além-do-homem, não é inverossímil que o ressentimento e a vontade de vingança sejam arquétipos de uma idade psicológica bastante antiga para ele. “(...) em suma, ela quer que nós lutemos incansavelmente contra tudo o que nos privou da suprema realização de nossa existência, na medida em que isso impede que nós mesmos nos tornemos esses homens schopenhauerianos” (NIETZSCHE, 2020, p. 62). O problema do gado é se achar porta-voz de uma grande magnificência e magnanimidade, ao invés, de reconhecer a sua mais evidente trivialidade e banalidade. Se o seu autoentendimento é o de uma maioria estupenda, então trabalhará para que os distintos se igualem a ele. Por outro lado, se prefere não se enganar e assume sua condição medíocre, reage com ressentimento ao advento dos santos e filósofos.

Às vezes é mais difícil admitir uma coisa do que entendê-la; e assim pode suceder à maior parte das pessoas quando refletem sobre a sentença: “a humanidade deve trabalhar continuamente para engendrar grandes homens singulares – essa é a sua única tarefa”. (NIETZSCHE, 2020, p. 62.)

O ciúme dos vulgares pelos mais elevados é de tamanha magnitude que entraves são criados para tolher o seu esplendor. A cultura da solidão e da seriedade no trato com os temas mais internos à constituição do sujeito enquanto existência autorreflexiva são deslocados de sua primordialidade para um evento que, ou não se quer saber de modo algum, por medo desse mergulho no mais fundo do homem; ou se atribui uma certa patologização do sujeito investigante; ou, ainda, se sustenta uma falta de utilidade e garantias de enriquecimento. “Odeia-se agora toda cultura que proporciona solidão, que propõe metas para além do dinheiro e da aquisição, que gasta muito tempo. Cuida-se bem de difamar os tipos mais sérios de cultura como ‘egoísmo refinado’, como ‘imoral epicurismo da cultura’” (NIETZSCHE, 2020, p. 68). Enfim, o tipo Schopenhauer serve como uma peça, uma alegoria para elucidar nos termos nietzschianos, o seguinte sentido da vida boa: “(...) que tu vivas para o proveito dos exemplares mais raros e valiosos, e não para o proveito da maioria, isto é, dos exemplares que, considerados individualmente, são os mais insignificantes” (NIETZSCHE, 2020, p. 64).

Por fim, os apontamentos lançados por Rawls sugerem muito mais um uso discursivo no sentido de comprovar a sua tese de uma justiça como equidade, assim como sustentar os princípios de um Estado democrático liberal. Porém, o argumento de que o liberalismo tem pressupostos mais sólidos e confiáveis para a garantia das liberdades constitucionais, que o perfeccionismo nietzschiano não nos parece uma assertiva bastante robusta. Não é à toa que a própria tradição da filosofia política contemporânea decidiu aprofundar-se no tema numa semântica do debate que, longe de promover proposições verdadeiras, está bem distante de um consenso minimamente razoável. Entre Joseph Raz e Jonathan Quong há um abismo, e os perfeccionismos vão se movimentando de uma impossibilidade total antiperfeccionista a concepções moderadas e mais radicais do perfeccionismo. De qualquer modo, defendemos neste artigo que não existe uma democracia sólida e plural sem valores perfeccionistas.

A DISPUTA DE HOMERO

O princípio da razoabilidade como comunicabilidade numa sociedade democrática, sustentada num neocontratualismo, de pessoas livres e iguais, nos parece carregar um *telos* como meta para uma tranquilidade avassaladora, uma paz augusta e uma ausência de confrontos como extinção plena da dor. Diante desse diagnóstico otimista verificamos que todos aqueles que destoam desta razoabilidade seriam arrazoados, como os bolsonaristas, que não compartilham dos diversos signos importantes para o debate democrático e plural. Outrossim, essas pessoas são componentes da sociedade e por mais antidemocráticas que sejam, extirpá-las do meio social com

O perfeccionismo agonístico como necessário contraponto ao liberalismo político de Rawls: a salvaguarda das tensões políticas como sustentáculo à existência das democracias liberais atuais

BARBOSA, Wesley de Jesus

pena de reclusão e pedagogização pelos valores tidos como excelsos pelos razoáveis, ou mesmo usando a pena capital, se fosse possível, não as tornaria mais razoáveis, e colocaria em xeque, ainda, a própria razoabilidade da comunidade razoável. Primeiro porque o numerário é imenso e mesmo que alguns possam ser presos para servir de exemplo, a conta em favor dos progressistas não ficaria tão mais favorável assim. Os liberais não têm uma solução contundente, e, na prática, acabam os arrazoados colocados de canto pelos razoáveis; estes, com seu decoro e polidez no trato das questões mais pertinentes, aqueles na sua gritaria selvática e pouco civilizada. Porém, a nós, o bolsonarismo não é nem uma horda de arrazoados, nem um grupelho de golpistas autoritários, em si mesmos, o bolsonarismo é o resultado mais evidente de uma educação amesquinhadora e niveladora que funciona na lógica do ressentimento e da inveja. E isto não é ruim, ao contrário, é porque a democracia é ameaçada que podemos lutar e morrer por ela refazendo-a ainda mais forte. Sem a ameaça direta, a democracia corre o risco de sucumbir no seu democratismo pacífico e hipócrito, aniquilando na igualdade, a pluralidade e, portanto, a si mesma.

A paz é um engodo inventado pelos covardes, medrosos diante da imensidão da vida. O homem não é pacífico porque a vida não é pacífica. Se a luta da vida deixar o campo de batalha estaremos mortos. E no fatalismo russo, o soldado não reage mais porque, toda a dor da guerra e do frio, passaram de uma constituição natural para um gigantesco fardo, impossível de carregar. Os gregos também afirmavam a vida numa genealogia da guerra, sem medo da morte em conflito, porque não eram adeptos da procrastinação do existir como a alongar um tempo em que se existe numa existência vulgar, sem vigor, sem intensidade, sem coragem, sem a alegria de estar imensamente satisfeito porque aceitamos as condições da guerra e a enfrentamos.

E como, na verdade, o conceito do direito grego desenvolveu-se tendo como ponto de partida o homicídio e a expiação pelo homicídio, do mesmo modo a cultura nobre retira seus primeiros lauréis do altar da expiação pelo homicídio. Por trás de uma época sanguinária, cavou-se um sulco profundo na história helênica. (NIETZSCHE, 1872, p.27.)

O espírito da disputa engrandecia o grego. Pois isto os tornava saudáveis. “Para os antigos, entretanto, o objetivo da educação ‘agônica’ era o bem do todo, da sociedade cidadina.” (NIETZSCHE, 1872, p.30.) A jovialidade dos gregos exultava em competições, disputas, duelos. Sua força tinha como pressuposto para ser aumentada, o conhecimento de que o outro se opõe, se abrilhanta, e você estagna, mas esta estagnação só é menor do que a do opositor, em nada reduzindo-se a um reclamar cotidiano como a tecer veneno sobre a glória do outro; essa impressão estagnante sobre si mesmo só é um alerta de que escudos e espadas tem mais uma vez que se chocar. Os gregos eram homens de ação, sem tempo para ficar se envenenado em ressentimentos. Sua inveja pelos heróis, pelos deuses, pelos gênios e santos era, apenas um dispositivo para se pôr em marcha. “O efeito é, quase sem exceção, aterrorizante; e quando se conclui, a partir de tal efeito, que o grego era incapaz de suportar a fama e a felicidade: nesse caso se deveria dizer, de modo mais preciso, que ele não podia carregar a fama sem a continuação da disputa, nem a felicidade no final da disputa” (NIETZSCHE, 1872, p.31). O *telos* grego era a guerra, não a paz. Sem inimigos não se pode crescer, não se pode invejar. Sem a alegria do vozerio da imensidão dos guerreiros sedentos por sangue, loucos para ouvir o clamor das cornetas e se porem em linha, para começarem a corrida insana, sabendo da coragem dos seus companheiros, de sua lealdade, sapientes da magnificência e excepcionalidade de seu líder: a vida dos gregos se transmutaria em tédio porque

O perfeccionismo agonístico como necessário contraponto ao liberalismo político de Rawls: a salvaguarda das tensões políticas como sustentáculo à existência das democracias liberais atuais

BARBOSA, Wesley de Jesus

sem o agonismo, a completa falta de sentido da vida se instala da forma mais contundente e cruel sobre o sujeito pacífico mortificando-o lentamente numa longevidade torturante.

E não só Aristóteles, mas a Antiguidade Grega em geral pensa diferente do nosso rancor e inveja, julgando como Hesíodo, que apontou uma Eris como má, a saber, aquela que conduz os homens à luta aniquiladora e hostil entre si, e depois enaltece uma outra como boa, aquela que como ciúme, rancor, inveja, estimula os homens para a ação, mas não para a luta aniquiladora, e sim para a ação da disputa. O grego é invejoso e percebe essa qualidade, não como uma falha, mas como a atuação de uma divindade benéfica: - que abismo existe entre esse julgamento ético e o nosso! (NIETZSCHE, 1872, p.28)

Não são poucos os exemplos de como a disputa era baluarte do modo de ser dos gregos. Na *Ágora* aconteciam os discursos mais eloquentes, mais intensos. Os deuses lutavam entre si. Sofistas rivalizavam entre si e com os filósofos. Atletas se digladiavam, muitas vezes até a morte. Os artistas se olhavam com desconfiança. Atenas intensificava as técnicas de navegação e combate de sua Marinha Mercante para grande proveito de sua Marinha de Guerra, senhora do Mar Egeu; espartanos treinavam seus nobres na arte da obediência e violência e seu exército era o mais poderoso do Peloponeso e da Ática, até o dia em que Felipe II da Macedônia, se aproveitou das animosidades entre os gregos na Guerra do Peloponeso e tomou o território, para tempos depois ser destroçado pelo monumental e implacável Exército Romano. Esse perpétuo confrontar-se não era um sofrimento para os gregos, ao contrário, formalizava aquilo que tinham de mais valioso. Os gregos amavam a vida.

Os grandes mestres musicais, Píndaro e Simônides, encaravam-se com desconfiança e ciúme; o sofista, o maior dos professores da Antiguidade, tinha os outros sofistas como rivais; mesmo o modo mais geral de instrução, a arte dramática, era participado ao povo na forma de uma imensa competição dos grandes artistas musicais e dramáticos. Que maravilhoso! “Também o artista guarda rancor do artista”. E o homem moderno teme no artista, mais do que qualquer outra coisa, as lutas pessoais, enquanto o grego conhece o artista apenas na luta pessoal. Onde o homem moderno fareja a fraqueza da obra de arte, o heleno procura a fonte da sua força mais elevada. (NIETZSCHE, 1872, p.30)

O tipo Homero nos ajuda a comparar isto que nos tornamos com aquilo que éramos. Cansados, os homens querem paz, longevidade e felicidade. A paz não existe, mesmo teoricamente, ou normativamente. A longevidade como um flagrante passar dos dias na sua mesma rotina de trabalho pesado, para o proletariado, e tédio profundo para a burguesia, configuram-se muito mais como uma morte em vida com os seus zumbis imbecilizados, uns caminhando pacificamente para os seus campos de trabalhos forçados, outros, ocupando seu tempo num consumismo desenfreado como a aplacar a dor de uma vida pacata demais porque se tornou insossa e sem graça, graças a abundância de dinheiro disponível, pela exploração de uns sujeitos incapazes de reagir. A felicidade

não existe sem aventura. Ora, a melhor coisa que pode acontecer para a democracia contemporânea é a intensificação da agonística e o tipo Homero não é trivial. Se mesmo o governo dos mediocres, como Bolsonaro e Trump, pode servir de mecanismo de alerta e luta para a mobilização do povo para o fortalecimento das instituições democráticas, imagina o que os gênios e santos não mobilizariam enquanto afeto e atuações políticas do Estado democrático para a sua não aniquilação, assim como o seu não apequenamento diante dos raros e magníficos. O perfeccionismo deve ser estimulado tanto privadamente quanto publicamente, com os recursos do Estado, pois ele serve como crítica interna a própria democracia, ou a um democratismo que se decidiu chamar de democracia.

A NECESSIDADE DO PERFECCIONISMO AGONÍSTICO

João Kamradt elucida no seu artigo, *Nietzsche, o perfeccionismo e a democracia: tensões entre Rawls, Cavell e os agonistas*, assim como em sua dissertação, *Perfeccionismo e igualdade democrática: um debate em torno de Nietzsche*, uma trajetória dos autores que aproximariam o pensador alemão da tradição liberal. E a construção do seu argumento serve, especialmente, para demonstrar como a concepção trágica na sua aceção agonística é de notável importância para a democracia. Kamradt passa por Cavell e Conway, e ainda apresenta alguns outros autores no sentido de fortalecer a sua tese agonística tornando cristalino que o debate é bem amplo. “Outros comentadores passaram a reivindicar um perfeccionismo não teleológico de base agonística no pensamento de Nietzsche. Entre seus defensores estão David Owen, Lawrence J. Hatab, Herman Siemens e Vanessa Lemm” (KAMRADT, 2017, p. 220).

A cultura enquanto essa pocilga de grandes vertebrados bípedes na sua destemida atuação imbecilizadora, além de aniquilar o homem enquanto homem, inverte o sentido da sentença, rebaixando o indivíduo à impossibilidade de si, em nome da sociedade, como se a sociedade fosse sem os indivíduos e sem que estes tivessem que assumir as suas próprias vidas, primeiro, para a aquisição da fortaleza da sociedade.

A conclusão de Cavell é de que Nietzsche dedicou e viveu sua vida para si mesmo e que, em *Schopenhauer como educador*, ele sugere para todos fazerem o mesmo. É por isso que o perfeccionismo de Nietzsche possuiria características liberais indispensáveis para uma crítica interna ao processo democrático. (KAMRADT, 2017, p. 215.)

Nesse sentido, esse cultivo de si, como a experimentação de uma vontade aquém e além das aspirações do rebanho, uma vontade que almeja um *pathos* como uma diferenciação que se intensifica numa singularidade extraordinária, não para o outro, mas para si mesmo, é ingrediente necessário para uma pluralidade de fato. Homens e mulheres distintos, com suas vozes distintas, com seus modos de vida distintos. Nessa diferenciação intensificante, cada vez mais os indivíduos

O perfeccionismo agonístico como necessário contraponto ao liberalismo político de Rawls: a salvaguarda das tensões políticas como sustentáculo à existência das democracias liberais atuais

BARBOSA, Wesley de Jesus

serão mais, bizarramente, diferentes e estranhos ao olhar um do outro, o que permitiria inferir que, se houver convivência sem derramamento de sangue, os verdugos de uma política democrática se tornariam ainda mais consistentes e robustos. Pois mesmo aquilo que me é mais estranho e inacessível, é possível estabelecer acordos para a sobrevivência da sociedade, o que permitiria a existência de todas as formas de vida: a minha e a do outro.

Para que exista uma verdadeira democracia, a sociedade deve ser composta por seres que possuam vozes distintas. Assim, o perfeccionismo de Emerson e Nietzsche funciona como uma medida de crítica interna a essa democracia, se destacando pelo significado padrão do perfeccionismo moral, ao não ser uma teoria teleológica. (KAMRADT, 2017, p. 215.)

A democracia liberal mais poderosa do mundo não convive muito bem com latinos, indígenas, orientais, árabes, persas, negros e mulheres, pois existe algo de intransigente no olhar daqueles que fundaram os baluartes do *American Way Of Life*. Alguma coisa de insuportável existe neste distinto, que, ou deve ser docilizado, deportado ou morto. Há um medo conservador de que a democracia seja confrontada enquanto sistema, porque já teríamos alcançado o *telos* perfazendo esse modelo como o mais primoroso e absoluto da História. Ora, se ele é tão vigoroso, por que o receio de ter suas bases de sustentação questionadas? Toda confrontação à democracia é fascista? Se a democracia liberal é tão boa por que tantos são excluídos dela, ou pela via da violência direta, ou por tecnologias psico comportamentais cognitivas de adestramento?

Nos interstícios desse grande debate, surgiu uma outra via, a do perfeccionismo agonístico como potencial agente de renovação da democracia. Ou seja, pelo antagonismo, pela oposição e confrontação, a disputa permanecerá eternamente, sem que haja vencedores ou paz. Para que não nos acostumemos com o argumento viciado de que a democracia, - apesar de matar, tolher as liberdades, capturar crianças latinas e aprisioná-las em jaulas, sem os pais, de fraudar eleições, de considerar suspeito todo corpo negro, de supor a existência feminina como uma posse do macho da espécie, de assumir-se porta-voz de uma autoridade maior porque democrática e impor pelo cano do fuzil as grandes maravilhas dessa magnífica liberdade, de bombardear hospitais e escolas em Gaza, Afeganistão, Iraque, de deixar pobres de todos os tipos morrerem sem atendimento médico, de não ter um sistema social eficiente que consiga acolher todos os moradores de rua em abrigos para que não morram congelados, de considerar toda diferença abrupta demais uma forma de vida, em si mesma, terrorista, autorizando os livres e razoáveis a matar em nome da liberdade e da justiça —: de que essa democracia é o melhor e mais avançado sistema já criado pelo homem. George Floyd foi morto pela República democrática mais poderosa do mundo, e por que? Porque a igualdade deve ser garantida a todo custo, e aos desiguais, que sejam eliminados pelo fio da navalha, ou por asfixia mecânica do agente protetor da lei, auspício maior da civilização, dos livres e iguais. “Nietzsche prega a perpétua busca por melhora dos indivíduos, por um *agon* contínuo em que os sujeitos e as instituições sempre estarão se colocando à prova, e por estarem continuamente em disputas, nunca haverá vencedores definitivos.” (KAMRADT, 2017, p. 209.) Ora, quando o Partido dos Trabalhadores (PT), na administração do nordestino operário não letrado, Lula, autorizou uma política perfeccionista, não para quaisquer indivíduos, mas para aqueles que como povo tiveram a sua história marcada pela sangria hedionda do absurdo da escravidão racial, estes ainda poucos, frequentadores dos bancos das universidades, corporificaram a luta contra o racismo institucional e estrutural de uma vez por todas, não só porque sentem na pele, ou porque tivessem começado

O perfeccionismo agonístico como necessário contraponto ao liberalismo político de Rawls: a salvaguarda das tensões políticas como sustentáculo à existência das democracias liberais atuais

BARBOSA, Wesley de Jesus

agora a sua resistência política, a resistência à escravidão é tão longa quanto a escravidão, mas porque indignaram-se veementemente com um Estado liberal e democrático, hipócrita, que desde a constituição de 1891, não se absteve de afirmar a igualdade como pressuposto; outrossim, o olhar vigilante do policial não se confunde quando necessita verificar no meio da multidão, nessa famigerada “democracia racial”, quem é o suspeito e não digno dos valores liberais anunciados como Garantias Fundamentais pelos Direitos Humanos. Em linguagem antiperfeccionista: cotas para pessoas pretas é uma intervenção do Estado para garantir determinadas concepções do Bem que não estão em pleno acordo no debate entre os sujeitos razoáveis desta democracia de livres e iguais (seria leviano suspeitar que esta comunidade de pessoas razoáveis fosse branca e privilegiada?). Melhor teria sido afirmar a desigualdade como princípio, ao menos seria honesto! Povos indígenas, quilombolas, mulheres, LGBTQI+, sempre questionaram exigindo o direito ao seu auto florescimento, inclusive indagando sobre as vicissitudes desse sistema democrático e livre. Não me parece que esta militância seja trivial, é indubitável que houve avanços nos últimos cem anos de História do Mundo.

Sua interpretação se aproxima de uma concepção política da cultura concebida como uma questão pública que pressupõe uma pluralidade de agentes envolvidos em disputas agonísticas, visto que há determinados contextos individuais envolvendo elementos de disputas sem vencedores e sem fim, ou seja, em uma busca constante por se auto melhorar continuamente. (KAMRADT, 2017, p. 220)

Outros autores denominariam essa luta com os epítetos dialética ou luta por reconhecimento. Entretanto, de Hegel a Honneth, de Marx a Foucault, da Escola de Frankfurt ao identitarismo mais atual, o que se verifica não é uma confrontação no modo mecânico de uma mola e uma contra mola. A realidade tem como ingrediente de seu existir, o caos e, portanto, a concepção trágica da luta parece mais salutar que a instalação de uma tese para a configuração de uma antítese numa síntese pacificadora do *telos* social. A luta política não é apenas política, no sentido do fisiologismo diplomático partidário, ou da atuação do intelectual orgânico ou na instrumentalização de táticas e estratégias, apontadas num livro de filosofia política: o mundo não é tão bem-ordenado assim, como se coubesse um planejamento consciente anterior para o trabalho de concertar a máquina com defeito, numa semântica linear do diagnóstico, sintoma, tratamento e cura. Um funkeiro com sua indumentária característica e sua poesia irreverente, em total desalinho com as normas de uma estética do poeitar academicamente escravizada, num baile de rua chamado *Mandela*, acaba por promover uma oposição à ordem muito mais contumaz que os ditos aparatos do discurso político habitual. O *Mandela* é tão revolucionário e coloca a democracia liberal sob tantas dúvidas que a primeira análise do Estado Democrático Liberal sobre o fenômeno é o de criminalização radical do evento cultural. “Em primeiro lugar, a interpretação moral perfeccionista de Nietzsche captura mal o significado político da cultura como uma luta pública (*agon*).” (LEMM, 2007, p. 05).² Por meio deste digladiar, que não é somente produto da consciência, que o sujeito atua no real como a tomar posse de sua individualidade, de sua própria vida, responsabilizando-se sem procrastinar ou ressentir. Por meio deste digladiar a política acontece.

² “First, the moral perfectionist interpretation of Nietzsche poorly captures the political meaning of culture as a public struggle (*agon*)”.

O perfeccionismo agonístico como necessário contraponto ao liberalismo político de Rawls: a salvaguarda das tensões políticas como sustentáculo à existência das democracias liberais atuais

BARBOSA, Wesley de Jesus

Em segundo lugar, uma leitura moral perfeccionista de Nietzsche se baseia em uma interpretação individualista da liberdade muito estreita para compreender plenamente a dimensão pública da liberdade como responsabilidade. Contra a interpretação perfeccionista, pretendo mostrar como o significado político da cultura como luta pública se reflete no cultivo da responsabilidade. (LEMM, 2007, p. 05)³

Vanessa Lemm sugere, juntamente com Cavell, ainda, que os gênios na sua raridade extraordinária, não constituem formas de vida que aguçariam noções aristocráticas e anti-igualitárias, ao contrário, serviriam ao cultivo da responsabilidade pela luta agonística. Todavia, esse tipo genial não é alguma coisa que se possa transmitir às futuras gerações, em escolas e universidades, pois o cultivo de si é uma tarefa que somente aquele sujeito pode desempenhar. Mas este trabalho privado não desautoriza o Estado a cumprir suas obrigações primordiais no cuidado com o povo. Se, por um lado, o aluno excelente é aquele que se submete à normalização dos costumes, por outro, a rebelião ao processo de adestramento escolar, além de tratar, do cultivo dos fortes e da afirmação do *pathos* da distância, é também uma reapropriação dos saberes escolares científicos e filosóficos numa reviravolta cognitiva de auto cultivo. “(...) uma leitura moral perfeccionista de Nietzsche deve rejeitar uma interpretação que veja a relação do indivíduo e do exemplar refletida na do discípulo com o professor. A primeira institui uma desigualdade que não pode ser conciliada com uma teoria igualitária da justiça.” (LEMM, 2007, p. 09.)⁴ Não se aprende a ser o que se é pelos outros. Em *Schopenhauer como educador*, supracitado, fica evidente que a assunção dos gênios e santos não se deve a ação das instituições de nivelamento, aliás são esses equipamentos de Estado os responsáveis por uma vida cultural cada vez mais medíocre e imediatista, contribuindo pouco para o florescimento dos raros. “O fato de Nietzsche não usar o termo *lehren* (ensinar) sugere que a cultura não é ensinada em escolas ou universidades, mas sim cultivada à parte, em separação e contra as formas institucionalizadas do que pode ser referido como cultura oficial.” (LEMM, 2007, p. 11.)⁵ Mas o confronto do indivíduo com os outros, na escola, nas artes, na política, é condição *sine qua non* para o desenvolvimento do gênio. Gênio que sabe de sua responsabilidade, sabe na medida em que é o tempo todo contrariado, indagado, desestabilizado e, mesmo sob essa torrente do mais ultrajante para si, enfrenta as afrontas utilizando-as como vitamina para o seu fortalecimento.

Considerando a interpretação de Cavell de Nietzsche como um valor moral do indivíduo, minha interpretação sugere que em Nietzsche o valor moral do

³ “Second, a moral perfectionist reading of Nietzsche relies on an individualist interpretation of freedom too narrow to fully grasp the public dimension of freedom as responsibility. Against the perfectionist interpretation, I aim to show how the political meaning of culture as a public struggle is reflected in the cultivation of responsibility”.

⁴ “(...), a moral perfectionist reading of Nietzsche must reject an interpretation that sees the relation of the individual and the exemplar reflected in that of the disciple to the teacher the former institutes an inequality that cannot be reconciled with an egalitarian theory of justice.”

⁵ “The fact that Nietzsche does not use the term *lehren* (to teach) suggest that culture is not taught at schools or universities but, rather, is cultivated aside, in separation from and against institutionalized forms of what might be referred to as official culture”.

O perfeccionismo agonístico como necessário contraponto ao liberalismo político de Rawls: a salvaguarda das tensões políticas como sustentáculo à existência das democracias liberais atuais

BARBOSA, Wesley de Jesus

indivíduo permanece uma questão em aberto que é constantemente reconfigurada com base nos confrontos do indivíduo com os desafios da responsabilidade. (LEMM, 2007, p. 12.)⁶

Mesmo ao nível do ressentimento, a disputa é um bom caminho para a intensificação do debate para formação de grupos coesos a determinadas ideias em franca dicotomia com outras. O permanente lutar impossibilita uma estabilidade mortificante e fingida como a enganar-se com um: “*está tudo bem?*”. O aparente “*está tudo bem?*” sempre guarda uma incoerência que nos é informada pelo oponente como um tapa na cara, como um ultraje, como uma provocação irônica e sarcástica, em condições de mobilizar no outro os sentimentos mais terríveis de vingança, vergonha, e vontade de reação. Portanto, uma democracia que garanta o valor do debate pelo próprio debate, persiste melhor na ideia de uma sociedade de livres e iguais orientados por uma razoabilidade, não uma razoabilidade de grupo, mas uma razoabilidade agonística. “O desenvolvimento filosófico de um espírito questionador e de desafios às garantias tradicionais ajudou a alimentar práticas de debate aberto e concursos públicos de discursos que passaram a caracterizar procedimentos democráticos.” (HATAB, 2002, p. 134.)⁷

Todavia, os impulsos para a eliminação do oponente, são marcas de uma atitude antidemocrática e antiliberal. Eliminar o outro pelo homicídio finalizaria o debate, o que não é nem um pouco interessante. Por isso, o fascismo na sua forma mais crua (Mussolini) é um engendramento de forças no sentido de eliminar toda a diferença e estancar de uma vez todas as forças disruptivas. Destarte, essa fantasia do tirano é a mais ingênua e infantil⁸, porque a vida para existir enquanto tal: luta, resiste, enfrenta. Nenhum fascista será capaz de calar as vozes que se orientam pelas anuências do caos e do imponderável. A loucura da vida é ser ela sempre uma incompreensão, por isso a dificuldade de domá-la numa paz política, conceitual, moral.

À luz da apropriação de Nietzsche das duas formas de Eris, é necessário distinguir entre conflito agonístico e violência absoluta. Uma agonística radical exclui a violência, porque a violência é na verdade um impulso para eliminar o conflito aniquilando ou incapacitando um oponente, levando o agon ao fim. (HATAB, 2002, p. 135.)⁹

Essa perspectiva agonística, aliás, serve de sustentáculo aos valores liberais Iluministas desde o começo, curiosamente. A defesa contra a tirania do monarca não adviria de outro princípio

⁶ “Whereas Cavell’s interpretation of Nietzsche as a moral worth of the individual, my interpretation suggests that in Nietzsche the individual’s moral worth remains an open question that is constantly refigured based on the individual’s confrontations with the challenges of responsibility”.

⁷ “The philosophical development of a questioning spirit and challenges to traditional warrants helped nurture practices of open debate and public contests of speeches that came to characterize democratic procedures”.

⁸ Ver BARBOSA, Wesley de Jesus. *A desertificação do homem: luta por reconhecimento e o sofrimento da ficção fálica*. Opinião Filosófica, V. 11, 2020.

⁹ “In the light of Nietzsche’s appropriation of the two forms of Eris, it is necessary to distinguish between agonistic conflict and sheer violence. A radical agonistics rules out violence, because violence is actually an impulse to eliminate conflict by annihilating or incapacitating an opponent, bringing the agon to an end”.

O perfeccionismo agonístico como necessário contraponto ao liberalismo político de Rawls: a salvaguarda das tensões políticas como sustentáculo à existência das democracias liberais atuais

BARBOSA, Wesley de Jesus

que não o estabelecido por Montesquieu. Na sua engenharia do político percebeu o caráter pernicioso da absolutização do poder e susteve como contraponto a divisão dos poderes e sua equivalência em termos de força e capacidade de fiscalizar e vigiar os outros poderes. Na medida em que um Poder não é soberano sobre os outros e que os seus dispositivos exercem uma ação no jogo até limite do outro Poder, numa disputa em que os atores engajam-se na perpetuação do poder, aprofundam-se noções mais humanas e realísticas, em que o sujeito comprometido com o poder denuncia o outro, não porque seja uma pessoa boa e virtuosa, moralmente melhor, o faz porque no campo das articulações alguns protagonistas precisam ser enfraquecidos para a sua continuação no poder. A atuação de um poder sobre o outro numa briga, às vezes, decorosa, às vezes, hostil e selvagem, é o meio mais eficiente para desarrumar as premissas enfadonhas das monarquias absolutistas.

As forças da lei não precisam ser vistas como estranhas ao eu, mas como modulações de uma gama onipresente de forças dentro das quais os seres humanos podem localizar esferas relativas de liberdade. E uma concepção agonística da atividade política não precisa ser tomada como uma corrupção ou degradação de uma ordem idealizada de princípios políticos ou virtudes sociais. Nossa própria tradição de separação de poderes e um sistema jurídico adversarial pode ser considerada uma concepção básica da natureza, função e funcionamento adequado dos escritórios do governo e da prática judicial. Os fundadores da Constituição herdaram de Montesquieu a ideia de que a divisão de poderes é o melhor controle da tirania. Em outras palavras, a tirania é evitada não por algum projeto de harmonia, mas pela multiplicação do número de locais de poder em um governo e afirmação de sua competição por meio de autoafirmação e desconfiança mútuas. (HATAB, 2002, p. 137).¹⁰

Owen por sua vez elabora o problema a partir de dois referenciais, haja vista, a morte de Deus e a *Virtú*. Importante considerar que a Morte de Deus esvaziou de sentido todas as totalizações teóricas, assim como toda ordem e mecânica que deem uma conotação verdadeira às coisas. “Esta resposta não está disponível para Nietzsche, pelo menos não nesta forma, uma vez que ele sustenta que é uma das implicações da morte de Deus que apelar para ‘a lei moral’ no sentido de Kant não é mais possível ou desejável.” (OWEN, 2002, p. 115).¹¹ Assim, se antes havia uma orientação em si mesma coesa sobre o sentido do mundo e das coisas, agora tudo deixa de ter um valor em si mesmo, cabendo aos homens confrontarem-se em posições nunca fixas, sempre provisórias, numa incansável batalha dos discursos e das ações. “Tal visão é, para Nietzsche, o produto necessário e necessariamente modesto de reconhecer a morte de Deus - pois é, ele argumenta, apenas com base na crença em Deus (ou algum análogo metafísico para Deus) que

¹⁰ “Forces of law need not be seen as alien to the self, but as modulations of a ubiquitous array of forces within which human beings can locate relative spheres of freedom. And an agonistic conception of political activity need not be taken as a corruption or degradation of an idealized order of political principles or social virtues. Our own tradition of the separation of powers and an adversarial legal system can be taken as a baseline conception of the nature, function, and proper operation of government offices and judicial practice. The founders of the Constitution inherited from Montesquieu the idea that a division of powers is the best check on tyranny. In other words, tyranny is avoided not by some project of harmony, but by multiplying the number of power sites in a government and affirming their competition through mutual self-assertion and mistrust”.

¹¹ “This answer is not available to Nietzsche, at least not in this form, since he holds that it is one of the implications of the death of God that appeal to ‘the moral law’ in Kant’s sense is no longer either possible or desirable.”

O perfeccionismo agonístico como necessário contraponto ao liberalismo político de Rawls: a salvaguarda das tensões políticas como sustentáculo à existência das democracias liberais atuais

BARBOSA, Wesley de Jesus

podemos sustentar de forma inteligível que o mundo está organizado de uma forma que seja receptiva aos nossos propósitos éticos.” (OWEN, 2002, p. 117).¹² Sem os deuses para nos apegarmos, não existem mais orientações sobre a vida boa. Todas as concepções são possíveis, entretanto, pela moralidade dos costumes, se tenta aniquilar a pluralidade das muitas formas da vida boa inviabilizando o caráter autêntico do sujeito que se torna seu próprio guia.

Isso me leva ao meu segundo ponto. É porque Nietzsche permite graus de virtú ética no contexto de uma visão trágica do mundo que ele se concentra em se colocar como um indivíduo soberano, não em termos da realização de algum determinado estado de autogoverno - como se fosse até mesmo inteligível imaginar algum estado perfeito de auto domínio (uma fantasia cujas consequências são esboçadas por Adorno e Horkheimer em *Dialectic of Enlightenment*) - mas em termos de um processo contínuo de autossuperação orientado para exercer e desenvolver nossos poderes de autogoverno. (OWEN, 2002, p. 118.)¹³

Esse senhor de si mesmo é o gênio que com a inversão dos valores morais acaba por ser desprezado, obrigado a se envergonhar. Porém, é a sua condição altiva e jovial que o faz aceitar a vida do jeito que ela é, sem certezas e verdades, sem previsibilidade, sem finalidade ou utilidade: uma vida que é completamente sem sentido. Mas porque não tem sentido nenhum que podemos dar o sentido que quisermos a ela. Alguns medrosos temem assumir essa responsabilidade extraordinária e procrastinam suas responsabilidades perante si, acusando os outros ou projetando seus anseios em fantasias longínquas.

Em vez disso, a figura do indivíduo soberano dramatiza uma atitude, uma vontade de autorresponsabilidade (na linguagem de Emerson: autossuficiência), que se manifesta no esforço perpétuo para aumentar, expandir os poderes de autogoverno de tal forma que se possa suportar, incorporar e, até mesmo, amar o próprio destino - a exposição ao acaso e à necessidade. (Em outras palavras, o indivíduo soberano representa a atitude de amor fati, ou seja, a afirmação de o fato de nossa exposição à fortuna.) (OWEN, 2002, p. 118.)¹⁴

¹² “Such a view is, for Nietzsche, the necessary, and necessarily modest, product of acknowledging the death of God—for it is, he argues, only on the basis of a belief in God (or some metaphysical analogue for God) that we can intelligibly hold that the world is ordered in a way that is receptive to our ethical purposes.”

¹³ “This brings me to my second point. It is because Nietzsche allows for degrees of ethical virtù in the context of a tragic view of the world that he focuses on standing to oneself as a sovereign individual not in terms of the achievement of some determinate state of self-government—as if it were even intelligible to imagine some perfect state of self-mastery (a fantasy whose consequences are sketched by Adorno and Horkheimer in *Dialectic of Enlightenment*)—but in terms of an ongoing process of self-overcoming oriented to exercising and developing our powers of self-rule.”

¹⁴ “Rather the figure of the sovereign individual dramatises an attitude, a will to self-responsibility (in Emerson’s language: self-reliance), which is manifest in the perpetual striving to increase, to expand, one’s powers of self-government such that one can bear, incorporate and, even, love one’s fate—one’s exposure to chance and necessity. (In other words, the sovereign individual represents the attitude of amor fati, i.e., the affirmation of the fact of our exposure to fortuna.)”

Todavia, esses mesquinhos de si mesmos, requerem da sociedade, do Estado, das religiões, uma paz avassaladora. Uma tranquilidade para uma felicidade, uma falta de luta como uma redenção. Essa estabilidade exagerada, esse não querer ter vontade, essa democracia da cordialidade, da razoabilidade, cheia de decoro, essa utopia pequeno-burguesa como esconderijo de seu caos interno. Tais pretensões artificiais e frágeis poderiam levar a um despotismo da conformidade fazendo desta tranquilidade um inebriante tédio. “John Adams, Matthew Arnold, William James, Thomas Jefferson, Alexander Hamilton, John Stuart Mill, Alexis de Toqueville (para não mencionar Emerson e Thoreau) temem aquele aviltamento da democracia a que Mill e Emerson se referem como ‘o despotismo da conformidade.’” (OWEN, 2002, p. 119.)¹⁵ Esses valores decadentes aniquilam a democracia, retiram o sal que a torna saborosa pela briga encarniçada, pelas articulações, conversas, manipulações. É porque não temos tudo pronto de antemão e porque somos indiscutivelmente diferentes que inventamos a política, pois mesmo sendo tão distintos, só conseguimos ser fortes enquanto grupo constituído, ou seja, a política garante por seu *agon* próprio a força da sociedade. E a sociedade com seu *agon* típico garante a força do indivíduo, e o indivíduo no seu auto cultivo, que é o enfrentamento do caos que somos, se torna autônomo. Mas a direção vetorial deste movimento não é do Estado para o indivíduo ou deste para aquele, esta relação é Complexa, não obedece a uma finalidade, nem utilidade, é sempre um jogo de forças agonístico na dimensão do caos, sem vetores divergentes ou convergentes de uma figura plana do campo de forças, os vetores comportam-se de maneira difusa, chocando-se aleatoriamente por motivos impossíveis de saber, a não ser pela intervenção hermenêutica da mente humana que tenta arrumar as coisas, antes, para entender e se acalmar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paz é um conceito vazio. Primeiro porque se sua efetivação fosse possível, já não haveria vida. Segundo, que paz é uma mentira para revigorar o espírito dos cansados da vida. Nesse sentido, a política como referência a um salvador da pátria (caso da cultura política brasileira desde, mais ou menos, Vargas), a um redentor que irá com a força do seu cajado arrebatando toda a incoerência e imperfeição de uma nação como a expurgá-la de todo o mal, para nesta fantasia dos contos de fadas de Walt Disney, fundar a felicidade como uma paz santificadora, não passa de debate sem calor, sem energia, sem vida: um debate sem homens. A política e, em especial, a democracia, são as invenções mais importantes do homem, juntamente com o fogo e a agricultura, pois ela garante um campo de combate preliminar ao conflito armado propriamente dito. Assim, antes de extravasarmos em rios de sangue numa agonística radical, temos a chance ainda, de enumerarmos nossas divergências, formar os nossos grupos e irmos para o enfrentamento. Quão mais sinceros forem os choques, mais forte se tornará a democracia. Quanto mais acordos subterrâneos se fizer

¹⁵ “John Adams, Matthew Arnold, William James, Thomas Jefferson, Alexander Hamilton, John Stuart Mill, Alexis de Toqueville (not to mention Emerson and Thoreau) all dread that debasement of democracy that both Mill and Emerson refer to as ‘the despotism of conformity’”.

O perfeccionismo agonístico como necessário contraponto ao liberalismo político de Rawls: a salvaguarda das tensões políticas como sustentáculo à existência das democracias liberais atuais

BARBOSA, Wesley de Jesus

para evitar o *agon*, mais corrosão sofrerá a democracia. O tipo Schopenhauer aguça a inveja e se ela tiver a forma grega, a agonística se instala como no tipo Homero. A falência das democracias atuais é o resultado de um processo de séculos de sabotagem da vida, numa negação mortificante e ressentida, num treinamento sutil de adestramento do homem. Quando o homem usa a política para aniquilar seus instintos mais naturais, ou seja, valentia, coragem, vaidade, medo, inseguranças, ansiedades, tristezas, alegrias, torpor, força, vontade de contrapor, de guerrear, de mostrar-se mais glorioso e inteligente orador ou executor, então o campo democrático é tomado por uma asfixia por excesso de formalismo e decoro. Do mesmo modo a sociedade paralisa-se quando afunda-se nestes contornos decadentes de artificialização de sua animalidade mais própria. Só há uma saída às democracias liberais atuais, e não será pela via antiperfeccionista, estabilizadora e supostamente cordial, o que resta às democracias liberais é o perfeccionismo agonístico como uma ampulheta sempre pronta a virar, sempre renovada a começar, de novo, o movimento, a guerra, a marcha do tempo como uma tempestade de areia que funda outros territórios, outras ideias, quando desmonta suas imensas montanhas para as montar bem longe dali, pois é no movimento permanente do deserto que a vida se sente indiscutivelmente confrontada e a luta se mostra evidente e necessária.

REFERÊNCIAS

ACAMPORA, Christa Davis. **Demos Agonistes Redux: Reflections on the Streit of Political Agonism**. City University of New York: CUNY Academic Works, 2003.

BARBOSA, Wesley de Jesus. **A desertificação do homem: luta por reconhecimento e o sofrimento da ficção fálica**. Opinião Filosófica, V. 11, 2020.

BARBOSA, Wesley de Jesus. **O Idiota de Jesus: a hipótese literária e a hipótese médica como indicativos de uma posição transvalorada em Nietzsche**. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Universidade Federal do Espírito Santo, 2020.

CAVELL, Stanley. **Conditions Handsome and Unhandsome: The Constitution of Emersonian Perfectionism**. Chicago: University of Chicago, 1990.

CAVELL, Stanley. **Conditions nobles et ignobles: La Constitution du perfectionnisme moral émersonien**. Paris: L'Eclat, 1993.

CONANT, James. Nietzsche's Perfectionism: A Reading of Schopenhauer as Educator. In: SCHACHT, R. **Nietzsche's Postmoralism: Essays on Nietzsche's Prelude to Philosophy's Future**. Illinois: Cambridge University Press, 2001, p. 227.

CONWAY, Daniel W. **Nietzsche & the Political**. USA and Canada: Routledge, 1997.

DEVEAUX, Monique. **Agonism and pluralismo**. Philosophy & Social Criticism 25 (4), pp. 1-22, 1999.

FERREIRA, Rafael Dias. **Nietzsche e a Tarefa da Grande Política: Sobre a interpretação perfeccionista de seu radicalismo aristocrático**. Dissertação de Mestrado. Pelotas, 2013.

O perfeccionismo agonístico como necessário contraponto ao liberalismo político de Rawls: a salvaguarda das tensões políticas como sustentáculo à existência das democracias liberais atuais

BARBOSA, Wesley de Jesus

- FOSSEN, Thomas. **Agonistic Critiques of Liberalism: Perfection and Emancipation**. *Contemporary Political Theory*, 2008, 7, (376–394).
- HATAB, Lawrence J. Prospects for a Democratic Agon: Why We Can Still Be Nietzscheans. **The Journal of Nietzsche Studies**, Issue 24, Fall 2002, pp. 132-147,
- KAMRADT, João Francisco Hack. **Perfeccionismo e igualdade democrática: um debate em torno de Nietzsche**. Dissertação. Florianópolis, 2016.
- KAMRADT, João Francisco Hack. Nietzsche, o perfeccionismo e a democracia: tensões entre Rawls, Cavell e os agonistas. **Cad. Nietzsche**, Guarulhos/Porto Seguro, v.38, n.3, p. 207-235, setembro/dezembro, 2017.
- LEMM, Vanessa. Is Nietzsche a perfectionist? Rawls, Cavell and the politics of culture in Nietzsche's 'Schopenhauer as educator'. **The Journal of Nietzsche Studies**, Issue 34, p. 5-27, 2007, p. 05.
- LOPES, Rogério. Há espaço para uma concepção não moral da normatividade prática em Nietzsche? Notas sobre um debate em andamento. **Cad. Nietzsche**, São Paulo, n. 33, p. 89-134, 2013.
- MOUFFE, Chantal. **The Return of the Political**. London/New York: Verso, 1993.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Cinco prefácios para cinco livros não escritos**. Rio de Janeiro: editora 7 Letras, 1872.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: Uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Schopenhauer como educador: Considerações extemporâneas III**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2020, p. 62.
- NUSSBAUM, MARTHA C. **Perfectionist Liberalism and Political Liberalism**. *Wiley Periodicals, Inc. Philosophy & Public Affairs* 39, no. 1, 2011.
- OWEN, David. Equality, Democracy, and Self-Respect: Reflections on Nietzsche's Agonal Perfectionism. **Journal of Nietzsche Studies**, No. 24, pp. 113-131, 2002.
- OWEN, David. Reflections on Nietzsche's Agonal Perfectionism. **Journal of Nietzsche Studies**, Issue 24, 2002, pp. 113-131, p. 118.
- QUONG, Jonathan. **Liberalism without perfection**. New York: Oxford University Press, 2011.
- RAWLS, John. **Uma teoria da justiça**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- SIEMENS, Herman. **Nietzsche's political philosophy: a review of recent literature**. Ontario Canada: Queens University Library, pp. 510-526, 2016.
- SOUTHIER, Diane. **Uma defesa nietzschiana da democracia é possível?**. Entrevista com Lawrence Hatab. Em Tese: Programa de pós-graduação em sociologia política, UFSC, 2016.
- SWANTON, Christine. **Virtue Ethics: A Pluralistic View**. Great Britain: Oxford University Press, 2003.
- TEMP, Daniel. Nietzsche e a orientação perfeccionista de sua tentativa de estimar valores. **Cad. Nietzsche**, Guarulhos/Porto Seguro, v.38, n.3, p. 93-123, setembro/dezembro, 2017.

DOI: [10.25244/uf.v15i2.3423](https://doi.org/10.25244/uf.v15i2.3423)

O perfeccionismo agonístico como necessário contraponto ao liberalismo político de Rawls: a salvaguarda das tensões políticas como sustentáculo à existência das democracias liberais atuais

BARBOSA, Wesley de Jesus

VACCARI, Alessio. The perfectionist dimension in Friedrich Nietzsches's critique of morality. **Τελος Revista Iberoamericana de Estudios Utilitaristas**-2010, XVII/2: 171-187

VIESENTEINER, J. L. **A Grande Política em Nietzsche**. São Paulo: Annablume, 2006.

VIESENTEINER, J. L. Agente moral expressivista em Nietzsche e avaliação de juízos práticos perfeccionistas. **Cad. Nietzsche**, Guarulhos/Porto Seguro, v.41, n.2, p. 145-189, maio/agosto, 2020.

VIESENTEINER, J. L. Considerações sobre juízos práticos perfeccionistas em Nietzsche. **Dissertatio** [51] 31-72, 2020.